

OCORRÊNCIA DE ROCHA LAMPROFÍRICA NA REGIÃO DE ILHA DE GUARATIBA, RIO DE JANEIRO, RJ.

Rubem Porto Jr., Maria Geralda de Carvalho e Ana Carolina Moterani (*)

(*) (Depto de Petrologia e Geotectônica –UFRuralRJ)

A partir do desenvolvimento dos trabalhos de campo associados ao projeto conveniado entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a Petrobras “*Fomento à formação de recursos humanos em Gestão Integrada do Uso das Águas Subterrâneas em Aquíferos Porosos e Fraturados – Aquífero Guaratiba*”, pode ser identificada uma ocorrência de rochas lamprofírica na região de Ilha de Guaratiba, área localizada no sul do município do Rio de Janeiro nos contrafortes oeste da Serra da pedra Branca. Essa ocorrência se associa, no âmbito regional, à série de rochas de composição alcalina do Enxame de Diques da Serra do Mar (EDSM) que, por sua vez, apresenta como parte integrante desta série, rochas máficas lamprofíricas de afinidade alcalina, além de outros tipos de rochas de composição variada, desde tipos ultramáficos até tipos félsicos. Esse conjunto de rochas magmáticas se associa ao magmatismo Cenozóico representado em toda a região pela ocorrência de inúmeros diques e de alguns plutons de composição alcalina. Os lamprófiros são caracterizados por apresentarem grande variedade mineralógica e química. A rocha lamprofírica aqui relatada, ocorre sob forma de um dique, de espessura de cerca de 1 metro que faz contato brusco (“*sharp*”) com rochas encaixantes granítico-gnáissicas associadas ao Complexo Pedra Branca. Macroscopicamente é uma rocha melanocrática, porfírica, de matriz fina onde são realçados fenocristais de piroxênio e, menos comumente, de olivina. A rocha encontra-se parcialmente alterada, principalmente na região de contato, mas as partes centrais do dique mostram-se bem preservadas mineralógica e texturalmente. A análise petrográfica realizada a partir de três lâminas, mostra uma rocha hipocristalina, subfanerítica, de matriz predominantemente panidiomórfica, marcada pela presença de inúmeros fenocristais de olivina e piroxênio. A olivina tem granulação média, cor de interferência alta, ocorrendo em cristais subédricos de hábito arredondado e muito fraturados. O piroxênio, do tipo monoclinico, ocorre em cristais médios, eventualmente zonados com hábito tabular e relativamente bem preservados. Eventualmente, anfibólio pode ocorrer em suas bordas. A matriz é de granulação fina, apresenta-se formada de kaersutita e muito ocasionalmente de biotita fina. Em volumes bastante subordinados, ocorrem, minerais opacos, vidro, material desvitrificado e raro plagioclásio e apatita. Pelas características petrográficas apresentadas e utilizando-se a classificação baseada na presença de minerais máficos, a rocha foi classificada como sendo um Monchiquito, o que representaria a primeira ocorrência desse tipo de rocha na região estudada.